

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

CURSO: Licenciatura em Antropologia

**DIÁLOGO, CONFIANÇA E RESPEITO: ELEMENTOS CHAVES NA CONSTRUÇÃO E GESTÃO DE RELACIONAMENTOS
CONJUGAIS NO DISTRITO DA MANHIÇA**

Autora: Eudóxia José Catarino Massinga

Supervisor: Emídio Gune

Maputo, Setembro de 2012

**DIÁLOGO, CONFIANÇA E RESPEITO: ELEMENTOS CHAVES NA CONSTRUÇÃO E GESTÃO DE RELACIONAMENTOS
CONJUGAIS NO DISTRITO DA MANHIÇA**

Eudóxia José Catarino Massinga

Relatório de Pesquisa apresentado como requisito parcial para a obtenção do Grau de licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

Supervisor: Emídio Gune

Maputo, Setembro de 2012

**DIÁLOGO, CONFIANÇA E RESPEITO: ELEMENTOS CHAVES NA
CONSTRUÇÃO E GESTÃO DE RELACIONAMENTOS CONJUGAIS NO
DISTRITO DA MANHIÇA**

Autora

.....
Eudóxia José Catarino Massinga

Relatório de Pesquisa apresentado como requisito parcial para a obtenção do Grau de licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

O Supervisor

O presidente

O Oponente

.....

.....

.....

Maputo, Setembro 2012

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro por minha honra que este relatório de pesquisa nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau, e que o mesmo constitui o resultado da minha investigação, e estão indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

.....

Eudóxia José Catarino Massinga

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane por me terem ensinado a antropologia e souberam, cada um/a da sua maneira, transmitir-me o conhecimento que carrego por toda a vida académica, em particular ao dr. Elísio Jossias, ao dr. Euclides Gonçalves e à dra. Xénia Carvalho, pelo seu empenho profissional ao orientar o seminário. Obrigada pelos comentários e críticas.

Ao dr. Emídio Gune, o meu supervisor, o qual, sem ele, este estudo teria sido de difícil concretização. Este que teve a paciência de ler as versões sucessivas desde trabalho. Agradeço as sugestões e orientações dadas, pois possibilitaram-me escrever o presente trabalho. Obrigada por me ter ensinado a antropologia.

Aos colegas do curso de Antropologia 2008, dos turnos dos períodos laboral e pós-laboral especialmente, ao Uate e o Simango do curso do período laboral e ao Celso do curso do período pós laboral, e a todos que directa ou indirectamente ajudaram-me em ideias e sugestões durante a formação. Ao Nelson Mugabe, agradeço pela ajuda disponibilizada para a realização deste trabalho.

Aos meus pais José Catarino Massinga e Maria Doundissa Mangana e aos meus irmãos que apesar das adversidades, estimularam-me nos estudos. Muito obrigada.

Ao meu marido Josué Matsinhe e aos meus filhos Ashley Matsinhe e Hércules Matsinhe, obrigada pelo apoio incondicional, vocês tornaram-se estímulos na busca do conhecimento, companheirismo e respeito pelo outro. Obrigada.

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho a todos os que partilharam suas experiências e transmitiram-me conhecimento e a minha família.

Resumo

O presente estudo analisa os processos de construção e gestão dos relacionamentos conjugais a partir de um grupo de casais em pontos seleccionados no distrito da Manhiça. A partir de uma análise etnográfica de dados recolhidos, em locais seleccionados no distrito da Manhiça, compreendi que os casais neste distrito fazem a gestão dos relacionamentos conjugais através de diálogo, confiança e respeito entre os cônjuges.

Os resultados deste estudo permitiram-me perceber ainda que na Manhiça os cônjuges constroem os relacionamentos conjugais através de *Kutecana hi naho* e através de *kutilhuva*. E que os mesmos unem-se através de casamentos formados por um homem com uma parceira e por casamentos formados por um homem com duas ou três parceiras. O mais importante nesses relacionamentos é que haja diálogo, respeito e confiança, um modelo diferente daquele proposto pelo cristianismo que tem como elemento importante o número de parceiros.

Palavras-chave: Construção, relação conjugal, conjugalidade e gestão

CAPÍTULO 1

1.1 Introdução

O presente estudo analisa os processos de construção e gestão dos relacionamentos conjugais a partir de um grupo de casais em pontos seleccionados no distrito da Manhica. Este trabalho enquadra-se no debate sobre a construção e gestão dos relacionamentos conjugais.

A questão da construção dos relacionamentos nos casais é discutida em duas perspectivas. A primeira defende que a constituição e a manutenção do casamento contemporâneo são influenciadas pelos valores individuais enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um (Heilborn 1993, Féres-Carneiro 1998). Esta perspectiva ajuda a compreender que os relacionamentos são marcados pela autonomia individual e a satisfação de cada cônjuge do que por laços de dependência entre eles. Entretanto, fica por compreender como os casais constroem e fazem a gestão dos seus relacionamentos.

A segunda aponta que as pessoas constroem os relacionamentos através da escolha entre parceiros sem interesse económico e o individualismo nesses relacionamentos tem pouca prioridade (López 2008). A construção do vínculo conjugal é resultado da escolha entre parceiros que vão além do valor económico, mas que buscam uma realização profunda dos seus planos conjugais (López 2008).

A perspectiva de López (2008) permite olhar por um lado que as pessoas constroem os relacionamentos através da escolha entre parceiros sem interesses financeiros. Por outro permite olhar que o casal é formado por indivíduos com múltiplos desejos e potencialidades. Entretanto, e apesar de López (2008) ajudar a compreender os processos de construção dos relacionamentos conjugais, fica por compreender como é que os casais fazem a gestão dos mesmos.

De modo a compreender os processos de gestão de relacionamentos entre cônjuges realizei um estudo exploratório, de carácter etnográfico, em bairros seleccionados do distrito da Manhica. No

contexto do estudo os casais constroem e gerem os seus relacionamentos conjugais através de diálogo, confiança e respeito.

O presente estudo é composto por seis capítulos. Feita a presente introdução neste primeiro capítulo, segue o segundo capítulo reservado à revisão da literatura e a conceitualização. No terceiro capítulo apresento os métodos e técnicas de recolha de dados, critério e selecção dos participantes, perfil dos participantes do estudo, procedimentos de sistematização e análises dos dados e os desafios do trabalho de campo. No quarto capítulo apresento a caracterização do Distrito da Manhica. No quinto capítulo apresento a construção e gestão dos relacionamentos conjugais na Manhica e, por último, apresento o sexto capítulo que é reservado às considerações finais deste estudo.

CAPÍTULO 2

2.1. Revisão da literatura

O presente estudo analisa os processos de construção e gestão dos relacionamentos conjugais a partir de um grupo de casais em pontos seleccionados no distrito da Manhiça. A questão da construção e gestão dos relacionamentos nos casais é discutida em duas perspectivas. A primeira defende que a constituição e a manutenção do casamento contemporâneo são influenciadas pelos valores individuais enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um (Heilborn 1993, Féres-Carneiro 1998). Esta perspectiva ajuda a compreender que os relacionamentos são marcados pela autonomia individual e a satisfação de cada cônjuge do que por laços de dependência entre eles. Entretanto, fica por compreender como os casais constroem e fazem a gestão dos seus relacionamentos.

Diferentemente da primeira perspectiva, a segunda aponta que as pessoas constroem e gerem os relacionamentos através da escolha entre parceiros sem interesse económico e o individualismo nesses relacionamentos tem pouca prioridade (López 2008). A construção do vínculo conjugal é resultado da escolha entre parceiros que vão além do valor económico, mas que buscam uma realização profunda prioridade (López 2008).

A perspectiva de López (2008) permite olhar por um lado que as pessoas constroem os relacionamentos através da escolha entre parceiros sem interesses financeiros. Por outro permite olhar que o casal é formado por indivíduos com múltiplos desejos e potencialidades. A perspectiva de López (2008) permite perceber que as pessoas constroem os relacionamentos conjugais através da escolha entre parceiros e através da busca da realização dos seus planos conjugais. Entretanto, e apesar de López (2008) ajudar a compreender os processos de construção dos relacionamentos conjugais fica por compreender como é que os casais fazem a gestão dos mesmos.

A segunda perspectiva apresenta uma variante. Segunda na união contemporânea há uma crescente referência ao sentimento amoroso aos domínios e interesses individuais e a sexualidade

assume um papel essencial, primeiro na constituição e depois na manutenção da relação conjugal (Heilborn 1993, Féres-Carneiro 1998, Bozon 2004 e Lopes 2008).

Esta perspectiva permite compreender que há uma crescente referência ao sentimento amoroso aos domínios e interesses individuais e a sexualidade assume um papel essencial primeiro na constituição e depois na manutenção da relação conjugal.

A tendência dominante aborda a fragilidade dos relacionamentos conjugais e da difícil convivência a dois, todavia poucos falam do processo de construção de relacionamentos conjugais. Assim sendo, pretendo perceber como esse processo ocorre entre casais do distrito da Manhiça.

2.2. Definição de conceitos

Nesta parte do estudo são definidos os conceitos chaves usados ao longo do mesmo, nomeadamente relação conjugal, conjugalidade e gestão

O primeiro conceito que vou definir é relação conjugal. Este conceito é definido por Priore (2007) como sendo a espécie singular da relação entre pessoas que se unem uma à outra, com propósito de vida mútua em comum, distinta da ordinária vida social, ou da relação social a que se subordinam. As pessoas assim unidas chamam-se, por isso, cônjuges (Priore, 2007). Este conceito permite compreender com perfeição o significado de relação conjugal tratado no presente estudo.

Essa vida relacional comum é a actividade, interesse e construções comuns, que podem ou não incluir actividade sexual, esta, por seu turno, com finalidade apenas procriativa, apenas prazerosa ou com ambas as finalidades, conforme a decisão do casal e/ou pré-definições cultural-sociais.

O segundo conceito é conjugalidade este conceito é definido como uma identidade compartilhada, produto de uma trama identificativa inconsciente dos sujeitos parceiros, que se origina na história familiar de cada um e se dirige a um ideal conjugal compartilhado. Este conceito não explora com clareza o assunto tratado neste estudo, visto que o conceito de conjugalidade definido por Kaufmann (1995) vai de encontro com a realidade debatida neste estudo. Kaufmann (1995) define a conjugalidade como sendo correspondente à instalação do casal na construção de uma realidade a dois.

O terceiro conceito é gestão relacional, este termo é usado quando se fala de aspectos relacionados com o dia-a-dia do casal, podendo ser a expressão verbal de apreciação e admiração, respeito com o espaço individual de cada cônjuge.

CAPÍTULO 3

3. Métodos e Técnicas

O presente estudo é exploratório com uma abordagem qualitativa. Este método de pesquisa permitiu-me descrever os processos de construção e gestão de relacionamentos conjugais entre casais do distrito da Manhiça.

Esta pesquisa foi realizada em três fases complementares, sendo a primeira a consulta e revisão da literatura, a segunda foi a fase da etnografia e a terceira, foi a fase da análise e interpretação de dados. A primeira fase, consistiu na consulta de documentos e revisão bibliográfica realizada nas bibliotecas Brazão Mazula (UEM), Women and Law in Southern Africa (WLSA), Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) e Centro dos Estudos Africanos (CEA), todas localizadas na cidade de Maputo. Recorri também à internet para consultar questões de relacionamentos conjugais nos cônjuges.

A segunda, a fase etnográfica, foi realizada no distrito da Manhiça, localizado na província de Maputo, a 79 km da cidade de Maputo e consistiu na recolha de dados durante 24 de Outubro a 16 de Novembro de 2011 e de 20 de Maio à 30 de Agosto de 2012. Para a recolha de dados, foram usadas como técnicas as conversas informais.

Para este estudo conversei com onze pessoas, quatro das quais são do sexo feminino porque são as que ofereceram disposição em fazer parte deste estudo. As conversas tinham a duração de cerca de uma hora, em lugares propostos pelos entrevistados. A maior parte das conversas decorreram nas residências dos entrevistados à escolha deles, e três decorreram no local de trabalho dos entrevistados. As conversas eram informais tendo sido feitas em volta da questão do processo de construção e gestão de relacionamentos conjugais.

Durante a recolha de dados, a informação era gravada com a permissão dos participantes no estudo e às vezes escrita em blocos de notas, de seguida a informação gravada foi transcrita em

blocos de notas. As conversas com os participantes permitiram-me compreender que neste distrito existem casais que *vanga tecana hi naho*, uma designação usada para referir pessoas que uniram-se depois de terem oficializado a relação de acordo com as regras locais vigentes naquele distrito e os que *vanga titluva*, que é a forma que designa os casais que uniram-se sem terem oficializado a sua relação, segundo os costumes locais.

Compreendi ainda que na Manhiça existem homens que mantêm um vínculo conjugal com uma mulher e outros que o fazem com várias mulheres. Na terceira fase fez-se a análise e interpretação dos dados recolhidos no campo. As conversas gravadas foram transcritas na íntegra como forma de preservar as expressões de linguagem e gramática dos participantes no estudo. A pesquisadora fez uma leitura cuidadosa dos dados do terreno. Da mesma foi possível identificar semelhanças e as diferenças no que os participantes no estudo tinham dito em relação ao assunto tratado neste trabalho.

3.1. Critério de selecção dos participantes

A selecção dos participantes deste estudo foi intencional¹ foram seleccionados homens e mulheres que estivessem numa relação conjugal, que estivessem a viver com o/a cônjuge, como parte da amostra da presente pesquisa. O processo de identificação dos participantes obedeceu dois momentos. No primeiro momento identifiquei indivíduos em função do número de parceiras, algumas pessoas eu sabia se tinham uma ou duas parceiras porque eu as conhecia e no segundo momento os participantes identificados ajudaram-me a encontrar outros participantes.

3.2. Perfil dos participantes do estudo

Para este estudo conversei com onze pessoas, com idades compreendidas entre os 26-58 anos de idade e com níveis de escolaridade entre ensino básico e superior completo. Os participantes

¹ De acordo Richardson (1999), uma amostra é intencional quando os elementos que formam o grupo alvo são escolhidos de acordo com certas características formuladas pelo pesquisador.

deste estudo na sua maioria exerciam actividades profissionais, como docência e outros fazem negócios para a sua sobrevivência, sendo um deles vendedor de bebidas tradicionais, um vendedor de perfumes, outro dono de três salões de beleza e uma vendedeira de produtos alimentares. Todos os participantes vivem nos arredores do distrito da Manhica. As identidades dos participantes no presente estudo são preservadas a partir de uso de nomes fictícios. A tabela abaixo apresenta de modo detalhado o perfil dos participantes do estudo.

Tabela 1: Perfil detalhado dos participantes do estudo

Participantes	Idade	Nível de escolaridade	Ocupação	Residência
Ritó	58	Ensino básico	Director numa Escola Primária Completa	Bairro Mulembja
Cadú	30	Ensino superior completo	Estudante e docente	Circulo Manhica
Giló	27	Ensino médio incompleto	Vendedor	Mulembja
Nené	38	Ensino superior incompleto	Estudante e docente	Cambeve
Lelé	26	Ensino superior incompleto	Estudante e docente	Cambeve
Maló	35	Ensino médio	Gerente num restaurante	Gesta e Tsatse
Bem	39	Analfabeto	Vendedor	Mwacacana
Mimí	28	Ensino médio	Assistente de laboratório	Maragra
Caló	36	Ensino médio	Polícia	Tsatse
Linó	36	Sétima	Cabeleireiro	Tsatse
Nanda	28	Décima	Vendedeira	Tsatse

3.3. Procedimentos de sistematização e análise dos dados

Durante o trabalho etnográfico foram feitas onze conversas, das quais nove foram gravadas com o consentimento dos participantes e duas foram anotadas em um caderno de notas, porque os participantes não aceitaram que as conversas fossem gravadas. Concluídas as gravações e as anotações, as conversas gravadas foram transcritas e as notas das conversas foram passadas a limpo. De seguida procurei olhar o que os participantes disseram e pensaram sobre o processo de construção e gestão de relacionamentos conjugais no distrito da Manhiça. O que me ajudou a compreender as semelhanças e as diferenças existentes nas conversas.

A análise dos dados consistiu na selecção, categorização e interpretação do que foi dito pelos participantes do estudo durante as conversas no que se refere ao processo de construção e gestão de relacionamentos conjugais entre casais no distrito da Manhiça. Depois os dados foram organizados em tópicos e as descrições de cada tópico são ilustradas por discursos dos participantes e discutidas com recurso à revisão da literatura.

3.4. Desafios do trabalho de campo

Ao fazer a recolha de dados encarei algumas dificuldades. De entre as dificuldades encaradas contam-se participantes no estudo que faltavam aos encontros com a pesquisadora. Devido a isso fiquei muito tempo não previsto a recolher dados no terreno. Como solução desse problema tive que remarcar os encontros com os mesmos participantes. O que afectou o meu trabalho porque tive que levar muito tempo a escrever.

A outra dificuldade é que dois dos participantes no estudo não aceitaram que a conversa fosse gravada, o que dificultou explorar na íntegra o que estes diziam. Quando as conversas são gravadas explora-se tudo o que os participantes dizem e quando não são gravadas algumas partes das conversas, talvez as mais importantes, podem ser esquecidas pela pesquisadora.

Uma das últimas dificuldade que tive é a de que tinha dificuldades de compreender o que os participantes do estudo consideravam nádegas normais e seios normais.

Nos casos em que a pesquisadora precisasse de voltar a conversar com os participantes do estudo, alguns deles dificultavam os reencontros. Estes alegavam que é difícil falar sobre as suas vidas porque não querem que o que eles vivem no seu dia-a-dia seja conhecido por pessoas que não fazem parte da família.

CAPÍTULO 4

4.1. Caracterização do Distrito da Manhiça

4.1.1. Características sócio-demográficas

O distrito da Manhiça localiza-se na parte norte da província de Maputo, à 80 km da cidade de Maputo a que está ligado pela EN1, é limitado a norte pelo Distrito da Macia (Província de Gaza), a Sul pelo Distrito de Marracuene, a Oeste pelos Distritos de Moamba e de Maputo e, a Este é banhado pelo Oceano Indico.

Com uma superfície de 2.373, e uma população recenseada em 2007 de 130. 371 habitantes. O distrito da Manhiça tem uma densidade populacional de cerca de 81,5 hab/km². A população é jovem (41% abaixo dos 15 anos de idade) maioritariamente feminina (taxa de masculinidade de 44%) e de matriz rural (taxa de urbanização de 12 %).

O Distrito da Manhiça tem cinco Postos Administrativos nomeadamente, Posto Administrativo da Manhiça, Posto Administrativo de Calanga, Posto Administrativo da Josina Machel, Posto Administrativo de Maluana, Poste Administrativo de Xinavane, Posto Administrativo de 3 de Fevereiro. O Posto Administrativo da Manhiça, onde este trabalho foi feito, tem uma população estimada de um total de 60.031, com 27.263 homens e 32.768 mulheres. Das 48.160 famílias do

Distrito, a maioria é mais parentes para além dos filhos e tem em média, 3 a 5 membros. 14% dos agregados familiares do tipo monoparental chefiados por mulheres.

4.1.2. Vida económica do distrito da Manhiça

Neste distrito, existe uma zona urbana onde as pessoas no seu dia-a-dia dirigem-se aos postos de trabalho em escolas, centro de saúde e em algumas instituições públicas para ganhar o seu sustento e das suas famílias. Entretanto o sector da saúde e de educação têm mais mulheres do que homens e os restantes postos de emprego possuem mais homens do que mulheres.

Na zona rural a maior parte dos homens são trabalhadores da saúde, professores e trabalhadores de instituições públicas. As mulheres dedicam-se à actividade agrícola. Tendo em conta que o distrito possui um potencial de 236 mil hectares de terra arável, estando ocupados pela actividade agrícola cerca de 20% desta área (25 mil hectares de sequeiro e 30 mil de irrigados) e pela pecuária cerca de 30 mil hectares de pasto, isto é, 13% da terra arável.

CAPÍTULO 5

5. Construção e gestão de relacionamentos conjugais

5.1. Formas de formalização de casamento no Distrito da Manhiça

De acordo com dados recolhidos no registo civil do Distrito da Manhiça, neste distrito existem 3 (três) formas de casamento. O casamento civil, o casamento religioso e o tradicional². Entretanto, o casamento tradicional não tem sido celebrado pelos cidadãos deste distrito, embora o Estado reconhece esta forma de casamento como um acto que pode ser celebrado pelos cidadãos residentes neste distrito.

Segundo dados recolhidos no registo civil do Distrito da Manhiça, de Janeiro de 2007 até Agosto do presente ano foram celebrados 550 (quinhentos e cinquenta) casamentos civis e apenas 1 (um) casamento religioso. Entretanto esses registos não incluem casamentos realizados através de *Kutithuva*.

5.2. Ku ganguissana: Processo de construção de relacionamentos conjugais na Manhiça

Durante as conversas com os participantes deste estudo constatei que o processo de construção de relacionamentos conjugais acontece na rua. Os adultos apreciam e elogiam as *moças*³ pela sua forma de andar. Eles dizem “moça, tens um jeito de andar lindo”. As moças correspondem os elogios feitos por estes. Por exemplo elogiam a forma de andar das moças, se elas andam calmamente e abanam o corpo quando andam. Os homens conversam com as moças sobre a

² O casamento civil e religioso estão configurados na Lei n° 12/2004 de 08 de Dezembro de 2004 (Código de registo civil). O casamento tradicional está configurado na Lei n° 10/2004 de 25 de Agosto de 2004 (Código de registo civil).

³ Moças designam-se mulheres jovens (raparigas).

relação que eles desejam ter com elas. E se elas corresponderem às expectativas dos homens de namorarem com eles, estes convidam-nas para conhecerem a casa.

De forma similar dos adultos, os jovens com idade inferior a 25 anos de idade conquistam moças cruzando-se com elas pela primeira vez na rua. Os jovens apreciam a apresentação física do corpo das moças. Eles apreciam moças com um corpo normal, não gordas nem muito magras, com seios normais, não grandes nem pequenos, com nádegas não grandes nem pequenas. Os jovens aproximam-se e elogiam-nas dizendo: “Olá moça, estás bonita, gostei de ti”. Segundo contaram eles, dizem para as meninas... “gostei de ti, quero namorar contigo”. Eles expressam logo o que sentem pelas jovens como uma forma de convencê-las a aceitarem namorar com eles. Estes não apreciam as moças gordas com seios grandes e nádegas grandes, porque não gostam de mulheres com essas características.

Dependendo da reacção delas, os jovens tentam criar amizade com elas, pedem-lhes números de telefone, elas dão. Quando os jovens ligam, as moças atendem o telefone. Às vezes a troca de números influencia a existência do próximo encontro. Se elas corresponderem o desejo dos homens de namorar com elas, começam logo a namorar. Entretanto não é sempre que as moças reagem bem, às vezes as moças não querem ter nenhuma amizade com eles, muito menos dar-lhes número de telefone. Segundo os participantes no estudo, hoje em dia as pessoas levam pouco tempo para começarem a namorar. Mal se conheceram, conversam sobre o que interessou o homem ao conquistar a moça, se esta sentir-se convencida e aceitar, já é motivo para começar o namoro que pode durar até ao casamento ou não dependendo da gestão do mesmo.

“Sorridente...”conheci a minha esposa na Manhica, local onde vim a trabalho, um dia desses cruzei-me com ela na rua e gostei da posição e beleza física dela, aproximei-me dela e disse-lhe que gostei dela. Convidei-a para conhecer a minha casa. Namorámos durante dois anos, depois ela aconselhou-me a ir ter com os pais dela, falei com os meus pais e foram para casa dela pedir água, os pais dela aceitaram. Duas semanas depois fui apresentar-me e dois meses depois fomos fazer o lobolo, enquanto preparávamos o casamento. Comecei a viver com ela no

dia do nosso casamento” (Ritó residente na Manhiça desde 1976, com 58 anos de idade).

O outro participante notou que:

“Eu conheci a ele dia 13 de Abril de 2007, quando eu estava a passear na rua, ele conquistou-me, mas eu pensei que ele fosse casado, fomos conversando, ele disse que estava sozinho, eu também disse que estava sozinha, ficamos uns dias, acho que era dia 17/04/2007, foi o dia que demo-nos o primeiro beijo, foi em minha casa...sorriu... o tempo foi passando, ficamos uma semana e eu descobri que tinha alguém na vida dele, depois de umas três semanas, estávamos a dormir alguém liga, eu é que lhe atendi, ela disse que era namorada dele e eu disse que namorada dele sou eu, então daí, ele disse que conhecia a moça, veio a Beira, ele a conheceu quando separou-se da ex-esposa, então conheceu a moça, mas não é coisa séria, que é para eu não desistir, prontos a nossa relação continuou” (Mimi, 28 anos de idade).

As mulheres lembram das datas nas quais o relacionamento se iniciou. E os homens não se lembram. As datas do inicio dos relacionamento são importantes para as mulheres para poderem controlarem quanto tempo namoraram para poderem exigir dos homens que a relação seja oficializada e para poderem comemorar os aniversários do seu namoro. E os homens não se importam com o tempo que dura uma relação o importante é a relação estar a correr bem.

5.2.1. *Kutecana hi naho* e *Kutitlhuva*: Formas como os cônjuges começaram a viver juntos

No contexto em estudo existem duas variantes nas formas como os cônjuges começam a viver juntos. Uma delas é *Kutecana hi naho*, esta forma designa os que começam a viver juntos depois de seguirem as regras estabelecidas pela lei para a oficialização de uma relação conjugal. E a outra forma é *Kutitlhuva*, esta designa os que decidem viver juntos sem terem seguido as normas para a oficialização da relação conjugal.

Depois do processo de *Kuganguissana* e os cônjuges entrarem em acordo, estes começam a namorar. Durante o namoro, os cônjuges decidem oficializar a relação em forma de cerimónia de apresentação que é realizada em casa da noiva pela família e amigos do noivo a mando deste. De seguida faz-se o lobolo que é feito através de uma cerimónia que é feita também em casa da noiva pela família e amigos do noivo a mando do mesmo. Depois de se ter feito o lobolo os noivos podem decidir viver juntos sem a família da noiva reclamar porque o noivo terá cumprido com a cerimónia mais exigida pelos pais da noiva que é o lobolo (casamento tradicional, segundo os usos e costumes locais). A cerimónia de casamento pode ser preparada e realizada pelos noivos quando se sentirem preparados para a sua realização. O cumprimento destas cerimónias pelo noivo é designado *kuteca hi naho*.

De acordo com os participantes deste estudo, no contexto da Manhiça existem casais que começaram a viver juntos, unindo-se através de *Kutecana hi naho*, tal atitude verifica-se entre casais com idade compreendida entre 30 a 58 anos de idade. Os cônjuges tomam a decisão de viverem juntos depois de terem seguido as normas de oficialização da relação.

“Sorridente...”conheci a minha esposa em Manhiça, local onde vim a trabalho, um dia desses cruzei-me com ela na rua e gostei da postura e beleza física dela, isto é da posição física dela, e da maneira dela de andar, ela tinha um corpo normal, não gorda nem magra. Aproximei-me dela e disse-lhe que gostei dela, ela aceitou-me, namoramos durante dois anos depois ela aconselhou-me a ir ter com

os pais dela, falei com os meus pais e foram para casa dela pedir *água*⁴, os pais dela aceitaram. Duas semanas depois fui apresentar-me e dois meses depois fomos fazer o lobolo enquanto preparávamos o casamento. Comecei a viver com ela no dia do nosso casamento” (Ritó, bairro 58 anos).

Essa conversa ensina-me que quando se está a namorar com alguém, depois de algum tempo que eles consideram suficiente têm que se aproximar da família da mulher para conhecê-la e formalizar a sua relação com o consentimento dos seus pais.

De acordo com os participantes deste estudo, no contexto da Manhiça, além dos casais que começaram a viver juntos através de *Kutecana hi naho*, existem os que começaram a viver juntos, unindo-se através de *Kutitlhuva*, tal atitude verifica-se entre casais com idade compreendida entre 26 a 30 anos de idade. Os cônjuges tomam a decisão de viverem juntos sem terem oficializado a sua relação conjugal.

As pessoas que fazem *kutilhuva* decidem tomar essa decisão depois de kungaguissana e terem entrado num acordo para namorarem. Durante o namoro, os cônjuges decidem viver juntos sem terem oficializado a sua relação em forma de apresentação, lobolo e casamento. Eles optam por tomar tal decisão por falta de condições financeiras para a realização das cerimónias de oficialização da sua relação conjugal. Embora depois de algum tempo possam vir a reunir condições e cumprirem com as regras de oficialização das mesmas.

“Ele vivia numa casa do serviço e eu estava em casa dos meus pais e combinamos que eu tinha que ir viver com ele, mas eu não aceitei porque eu estava a viver com os meus pais e eu era pai e mãe para os meus irmãos e não podia sair de casa, mas se ele gostasse de mim podia mudar de casa para vir viver comigo em casa dos meus pais. Dito e feito, ele arrumou as suas roupas e veio viver comigo” (Nené, Bairro Cambeve, 38 anos).

⁴ Quando as pessoas estão na cerimónia do lobolo, a expressão *pedir água* no Sul de Moçambique significa, pedir a mão em casamento.

Os meus dados permitem-me concluir que no contexto da Manhiça os cônjuges começam a viver juntos através de *Kutecana hi naho*, e através de *Kutitlhuva*.

5.3 Gestão de Relacionamentos Conjugais

Os participantes deste estudo em relação à gestão de relacionamentos conjugais afirmam que existem diferenças na forma como os casais fazem a gestão dos relacionamentos. Tendo em conta que existem casais que *vanga tecana hi naho*, e casais que *vanga titlhuva*.

No contexto em estudo existem casais que fazem a gestão dos relacionamentos conjugais tendo seguido as regras de oficialização da relação e os que não seguiram as mesmas. Os participantes deste estudo em relação à gestão de relacionamentos conjugais dos casais que *vanga tecana hi naho*, afirmam que estes fazem a gestão dos relacionamentos através de conversas. Visto que a conversa é a chave para o bem-estar de qualquer relação conjugal.

Quando os cônjuges estão em desentendimento procuram mecanismos para solucionar o problema em forma de diálogo. Na maior parte das vezes as mulheres são as que têm tido iniciativa para que haja conversa entre os dois.

De acordo com os participantes no estudo quando as esposas estão vestidas de roupa justa ou curta que deixa as pernas delas fora, os esposos aconselham as esposas a mudarem a sua maneira de vestir. E quando estão vestidas com roupa que cobre o corpo os esposos elogiam-nas. De forma similar dos esposos, as esposas quando vêem os seus parceiros com roupa que lhes fica bem ou mal sempre comentam de maneira a fazerem entender os seus cônjuges que algo não está bem ou está tudo bem, principalmente quando estes estiverem bonitos, porque não querem que eles sejam elogiados apenas fora de casa, os elogios devem partir de casa.

Os cônjuges quando estão em problemas, como brigas entre eles, procuram mecanismos para solucionar o problema em forma de diálogo, embora para que haja conversa a esposa é a que tem tido iniciativa, independentemente da idade. As pazes são feitas no espaço privado para evitarem que sejam ouvidos pelos filhos ou outras pessoas que não têm nada a ver com o assunto.

Quando os cônjuges não conseguem atingir o objectivo conversando entre eles, recorrem às suas famílias. Na maior parte das vezes o homem vai ter com a família da mulher e esta vai ter com a família do marido pedir para que o/a ajudem a resolver o problema.

A família da mulher chama a filha para explicar-lhes o que aconteceu, os motivos que fizeram com que entrassem em desentendimento. De seguida, a família dela sugere a solução aos cônjuges no sentido de como é que podem resolver o problema em termos de conselhos que dão a ela e ao seu cônjuge. Na maior parte das vezes os que têm dado conselhos são homens e mulheres mais velhos em relação aos cônjuges, podendo ser os pais ou tios dos mesmos.

Diferentemente de muitos casais, existem casais que fazem a gestão dos seus relacionamentos através de conversas e através da busca de ajuda em lugares como a igreja. Pois a igreja tem proporcionado seminários entre jovens, onde as mulheres aprendem a conviver com um homem, como cuidar dele, dos filhos, da casa e que uma das formas de vencer os problemas é aceitar os defeitos um do outro e conformar-se com a maneira de ser do seu cônjuge.

“A gestão do meu relacionamento não posso dizer que é fácil assim, porque cada pessoa é um complexo, mas o mais importante no meio disto é as pessoas conversarem, eu e ela temos conversado, temos sentado para conversar e a igreja tem nos ajudado muito. Problemas existem, problemas não faltam numa família e a nossa não é uma excepção. A forma de vencê-los é aceitar os defeitos da outra pessoa, conformar-se com os mesmos e agradecer o que um fez e faz pelo outro”
(Cadú, bairro Circulo Manhica, 31 anos).

Essa conversa ensina-me que os cônjuges devem ter o hábito de conversarem e aceitarem os defeitos um do outro e conformarem-se com a maneira de ser de cada cônjuge como forma de vencer os problemas que possam afectar o casal.

De acordo com os participantes deste estudo, além dos casais que seguiram as regras de oficialização das suas relações conjugais, existem os que não seguiram as regras, e que a gestão dos seus relacionamentos também é feita através de diálogo entre os cônjuges.

Quando os cônjuges estão em desentendimento procuram mecanismos para solucionar o problema em forma de diálogo, mas quando não conseguem atingir o objectivo conversando entre eles, recorrem à família. Os cônjuges procuram a família do marido, porque quando eles procuram a família da mulher, esta diz que não pode resolver os problemas deles porque o homem não é conhecido⁵ na família dela. Eles dizem que não têm como resolver problemas com quem não conhecem, se ele quer que se resolva os problemas deles, primeiro, deve cumprir com as regras de oficialização da sua relação exigida pela família dela.

Em alguns casos, os problemas dos cônjuges são resolvidos pelas famílias dos dois, mas a família da mulher primeiro ameaça os cônjuges, alegando que o homem não cumpriu com as regras. Portanto, nas próximas vezes não irão ajudá-los a solucionar os seus problemas antes de o homem seguir as regras exigidas pela família da mulher.

Existem casos em que quando os cônjuges estão em conflitos, a mulher vai ter com a família do marido pedir para que a ajudem a resolver o problema, enquanto o homem vai ter com a família dela. Nestes casos quem tem saído em desvantagem é o homem porque este sempre é complicado pela família da mulher que exige, regra geral, a oficialização da relação.

Ao contrário do homem, a mulher é bem recebida, escutada e é ajudada a solucionar o problema pela família do homem. Esta convida o filho a um encontro com ou sem a sua mulher, explica-lhe o que a sua mulher foi contar, ele aceita ou não a acusação⁶, de seguida os pais e os tios dão-lhe conselhos para que ele saiba como viver com uma mulher, como agir quando está em problemas com a sua mulher, este acata os conselhos e volta para casa dos cônjuges.

Geralmente esse tipo de problemas é contado a pessoas mais velhas que os cônjuges, que podem ser tios ou avós dos mesmos com objectivo de ajudar o casal a solucionar os seus problemas.

4 Por mais que o homem frequente a casa da mulher com quem mantém comunhão de vida e os pais saibam onde ela vive, se o homem não oficializou a união, segundo os usos e costumes locais diz-se que não é “conhecido” na família da mulher e não sabem onde esta vive. É uma construção social para fazer com que as uniões entre homens e mulheres sejam oficializadas.

5 Geralmente a mulher procura a família do homem para deste se queixar.

“Neste momento é difícil resolver problemas com a família dela. Quando ela acabava de vir viver comigo resolvíamos os problemas com a minha família, com os meus pais, contávamos os nossos problemas a eles e estes ajudavam-nos a resolver, em forma de conselhos, eles diziam-nos que temos que conversar muito, temos que ser amigos....Mas houve uma altura em que ela ficou doente e a minha família teve que informar a família dela. A partir daí, quando tivermos problemas vou ter com a família dela. Eles recebem - me, mas primeiro falam muita coisa, dizem que eles não me conhecem porque eu ainda não oficializei a relação, que tenho que oficializar para passarem a me atender à vontade. Embora os que me atendem são os avós e tios da parte materna, os pais e irmãos da mãe dela. Os da parte paterna nem querem me ver, inclusive o pai dela. Pois os pais dela estão separados” (Cadú, bairro Circulo Manhiça, 31 anos).

De acordo com os participantes deste estudo, em relação à gestão dos relacionamentos, concluí que é feita através de diálogo entre os cônjuges. O casal quando se desentende procura formas de resolver o problema, primeiro entre eles e quando não conseguem solucionar o problema recorrem à família que pode recebê-los e ajudá-los a resolver o problema ou não.

De acordo com os participantes do estudo, nas relações formadas por um homem com apenas uma parceira, o casal faz a gestão do seu relacionamento através do diálogo entre os cônjuges. O homem é responsável pelas despesas da casa e a mulher é quem cuida da casa, do marido e dos filhos.

Quando os cônjuges estão em desentendimento procuram mecanismos para solucionar o problema em forma de diálogo. Na maior parte das vezes as mulheres são as que têm tido iniciativa para que haja conversa entre os dois.

De acordo com os dados colhidos no local em estudo concluí que o casal faz a gestão do seu relacionamento através do diálogo entre os cônjuges. No caso de brigas eles procuram mecanismos para solucionar o problema em forma de diálogo, geralmente as mulheres são as que têm tido iniciativa para que haja conversa entre eles.

Segundo os participantes no estudo, no caso de homens casados com duas ou três parceiras. Estes cuidam das duas mulheres, cada uma delas vive em sua casa, cujas casas o marido das duas é que construiu. Ele faz uma escala de onde dormir cada dia que passa. Quando dorme numa das casas hoje, no dia seguinte irá dormir na outra.

Em termos de necessidades alimentares, o homem quando faz rancho é para as duas famílias, tudo o que faz numa casa faz na outra, não deve haver diferença no que compra. Embora haja diferença nas quantidades dos alimentos e do dinheiro, porque quem tem a maior quantidade de alimentos e de dinheiro é a mulher que tem mais filhos.

No caso de brigas entre as duas que envolvem a ele, o homem é que tem criado conversas com as duas, mas quando as duas entram em conflitos, nos quais ele não faz parte, elas acabam se entendendo sem a intervenção dele. No caso de o homem ser o autor do problema, por exemplo, no caso de as duas descobrirem que ele está a ter uma relação amorosa com uma outra mulher que não sejam elas, estas unem-se contra ele.

“Faço a gestão dos meus relacionamentos conversando, converso com uma de cada vez, quando é um assunto particular. Mas quando é algo que diz respeito às duas, converso com elas ao mesmo tempo. O que faço em casa da mais velha em termos de obras, faço em casa da mais nova também, se compro uma coisa para a casa da mais velha, compro para a casa da outra também, mas quem dou mais dinheiro é quem tem mais filhos. Há ciúmes entre elas, a mais velha é que é mais ciumenta em relação a segunda. Zangam-se entre elas, mas voltam a se entender sem a minha intervenção” (Maló, bairro Tsatse e Gesta, 35 anos).

Os dados colhidos nos participantes deste estudo no distrito da Manhiça, em relação à gestão de relacionamentos conjugais entre casais formados por um homem com apenas uma parceira, permitem-me concluir que, estes fazem a gestão dos relacionamentos através de conversas. Quando desentendem-se, também conversam como uma forma de solucionar o problema, quando não conseguem atingir o objectivo recorrem à família como uma forma de dar solução ao

seu problema. O mesmo acontece com os que mantêm uma relação constituída por um homem e duas ou mais parceiras, pois estes fazem a gestão dos seus relacionamentos através de diálogo, quando estiverem em brigas também conversam, se não conseguirem solucionar o problema também recorrem à família.

De acordo com os participantes deste estudo, no contexto da Manhiça a família e a igreja assumem um papel importante na gestão dos relacionamentos conjugais. A gestão de relacionamentos pela família é feita através de diálogo entre pais e filhos. No caso de brigas entre os filhos os pais chamam-nos e conversam com eles.

Quando as brigas são entre os cônjuges, estes procuram tomar essa atitude longe dos filhos como uma forma de não fazer entender aos filhos. E resolvem os seus problemas num espaço privado, quando não conseguem atingir os objectivos recorrem à família.

A família ajuda a dar solução aos problemas dos cônjuges através de conselhos que dão ao casal. Na maior parte das vezes os que têm dado conselhos são homens e mulheres mais velhos em relação aos cônjuges, podendo ser os pais ou tios dos mesmos.

A igreja faz a gestão dos relacionamentos conjugais através de conversas educativas com os cônjuges. Visto que esta tem proporcionado seminários entre jovens, onde as mulheres aprendem a conviver com um homem, como cuidar dele, dos filhos, da casa e que uma das formas de vencer os problemas é aceitar os defeitos um do outro e conformar-se com a maneira de ser do seu cônjuge.

“Eu e ela temos conversado, temos sentado para conversar e a igreja tem nos ajudado muito porque tem proporcionado seminários nos quais ensinam as mulheres como cuidar dum marido e dos filhos” (Cadú, bairro Circulo Manhiça, 31 anos).

Os dados colhidos no contexto da Manhiça sobre a gestão de relacionamentos conjugais pela família permitem-me concluir que a mesma faz a gestão dos relacionamentos conjugais através

de diálogo entre os cônjuges e os filhos. Quando os cônjuges estiverem em desentendimento dialogam como uma forma de dar solução aos problemas e quando não conseguem recorrem às suas famílias.

Em relação a gestão de relacionamentos conjugais pela igreja, os dados permitem-me concluir que esta faz a gestão de relacionamentos através de conversas educativas com as mulheres sobre como cuidar do marido, dos filhos e da casa.

Segundo os participantes no estudo no contexto da Manhiça diz-se que há confiança em casais formados por um homem com apenas uma parceira quando os cônjuges não se escondem nada do que fazem, não mentem um para o outro, fazem planos da vida conjugal juntos e executam-nos juntos ou com conhecimento de ambos.

“Confio no meu marido porque para mim ele não mantém nenhuma relação fora do casamento. Ele ainda não me fez ver se me trai ou não” (Lelé, bairro Cambeve, 26 anos).

De acordo com os dados colhidos no terreno conclui que em casais formados por um homem com uma parceira fala-se em confiança quando os cônjuges não se escondem nada do que fazem e não mentem um para o outro.

No contexto da Manhiça fala-se em confiança entre os cônjuges em casais formados entre um homem e duas ou três parceiras quando os membros da relação não mentem um para com os outros e não se escondem nada do que fazem.

“Confio no meu marido porque quando ele diz que está no serviço, está lá mesmo. Quando diz que está em casa da mana (a primeira esposa dele) está mesmo. Quando diz que está numa barraca, está mesmo. Ele não mente, às vezes faço surpresa vou até ao serviço dele num dia em que ele esteja de serviço, e o encontro lá” (Nanda, casada com um homem com duas parceiras, bairro Tsatse, 28 anos).

De acordo com os participantes no estudo, na Manhiça quando se fala em respeito em casais formados por um homem com uma parceira refere-se quando no caso de um dos cônjuges manter relações sexuais com outra/o parceira/o que não seja a/o sua/seu esposa/esposo não mostra nem faz entender a/ao outra/outro e quando os cônjuges não fazem nada que possa magoar alguém neles.

Segundo os participantes no estudo existe uma diferença em alguns aspectos em que os homens e as mulheres consideram respeito. Para os homens há respeito quando a esposa faz tudo o que o seu esposo gosta e quer na hora certa e quando não mantém relações amorosas fora do casamento.

Por exemplo, quando a esposa serve as refeições ao seu esposo a hora certa e mantém a casa sempre bem organizada.

“A minha esposa respeita-me porque faz bem o que quero e gosto e não me trai”
(Ritó, casado oficialmente com apenas uma parceira, residente na Manhiça desde 1976, com 58 anos de idade).

Para as mulheres há respeito quando o seu esposo fala com ela sem usar expressões de linguagem que possam magoá-la ou insultos e no caso de ele ter uma relação fora do casamento, não demonstra nem a faz entender que está numa relação fora do casamento.

“Ele me respeita porque não fala comigo usando expressões que me possam magoar e não me faz ver o que ele faz quando está fora de casa. Se ele tem uma amante não a traz dentro de casa e não me faz ver que tem” (Lelé, bairro Cambeve, 26 anos).

Em relação ao respeito entre casais formados entre um homem com uma parceira concluí que existe uma diferença em alguns aspectos no que os homens e as mulheres consideram respeito. Para os homens há respeito quando a esposa faz tudo o que o seu esposo gosta e quer na hora certa. E para as mulheres há respeito quando o esposo fala com a sua esposa usando expressões

de linguagem que mostram respeito e no caso de ele ter uma relação fora do casamento não desperta a sua atenção.

Segundo os participantes no estudo, na Manhiça fala-se em respeito entre os cônjuges em casais formados entre um homem e duas ou três parceiras, quando entre o homem e as suas parceiras, por mais que exista alguém que mantém uma relação amorosa com outra/o parceira/o que não sejam/seja as/o suas/seu parceiras/o não mostra nem faz entender as/ao outras/outro. O homem e as suas parceiras conversam sem usar expressões de linguagem que possam magoá-los ou insultos. E quando se aceita as vontades de cada um.

“Posso dizer que há respeito entre nós porque dialogamos de forma a não nos magoarmos. Ele tem respeito porque quando digo que não quero uma determinada coisa ele entende e não faz essa coisa. Ele respeita a minha vontade. Ele me respeita porque nunca trouxe uma mulher com a qual tivesse uma relação de marido e mulher além da mana (a primeira esposa dele). Eu também o respeito porque quando ele diz que está a sair vai tomar uma cerveja com os seus amigos, aceito a vontade dele” (Nanda, casada com um homem com duas parceiras, bairro Tsatse, 28 anos).

Durante as conversas com os participantes no estudo concluí que no contexto da Manhiça fala-se em confiança tanto em casais formados por um homem com apenas uma parceira como em casamentos formados por um homem com duas parceiras quando os cônjuges não se escondem nada do que fazem, não mentem um para o outro.

E concluí que tanto em casais formados por um homem com apenas uma parceira como em casamentos formados por um homem com duas parceiras existe uma diferença em alguns aspectos no que os homens e as mulheres consideram respeito. Para os homens há respeito quando a esposa faz tudo o que o seu esposo gosta e quer na hora certa. E para as mulheres há respeito quando o esposo fala com a sua esposa usando expressões de linguagem que mostram respeito e no caso de ele ter uma relação fora do casamento não desperta a sua atenção.

CAPÍTULO 6

6. Considerações finais

O presente estudo analisou os processos de construção e gestão dos relacionamentos conjugais a partir de um grupo de casais em pontos seleccionados no distrito da Manhiça. Os resultados desta pesquisa permitem-me concluir que os casais na área em estudo constroem os seus relacionamentos conjugais através de *Kutecana hi naho* e através de *kutilhuva*. E que as pessoas unem-se através de casamentos formados por um homem com uma parceira e por casamentos formados por um homem com duas ou três parceiras.

Concluí ainda que no contexto em estudo, as pessoas constroem e fazem a gestão dos relacionamentos conjugais através de diálogo, respeito e confiança entre os cônjuges. No caso de brigas recorrem à família e a igreja. A família faz a gestão dos relacionamentos conjugais através de diálogo entre os cônjuges e os filhos e, a igreja faz a gestão de relacionamentos conjugais através de conversas educativas com as mulheres sobre como cuidar do marido, dos filhos e da casa.

Em relação a gestão dos relacionamentos este estudo permitiu-me compreender também que no contexto da Manhiça os casais além de diálogo fazem a gestão de relacionamentos conjugais através de confiança e respeito entre os cônjuges. Este estudo permitiu-me perceber acima de tudo que na Manhiça as pessoas constroem os seus relacionamentos conjugais através de *Kutecana hi naho* e através de *kutilhuva* e fazem a gestão de relacionamentos conjugais através de diálogo, respeito e confiança. Futuramente pretendo analisar o significado de diálogo, respeito e confiança entre os cônjuges no distrito da Manhiça.

Referências

Féres, Carneiro T.1998.”Casamento Contemporâneo”. O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia, reflexão e crítica*, 11 (2): 379-394.

Heilborn, M. Luisa. 1993.” Vivendo a dois”. *Arranjos conjugais em comparação.*’ *Revista brasileira. Estudos pop. Campinas* 10 (1/2).

Kaufmann, M.1992.*Sociologie du Couple*. Paris: PUF

López, Vínicius Faroni. 2008. “Vínculo conjugal”. *Entre o individualismo e a busca pelo outro*. Dissertação apresentada à Universidade de Salvador.

Priore, Mary Del. 2007. *Pequena história de amor conjugal no Ocidente Moderno*. USP e de wikipedia.

Richardson, R. J. 1999. “Pesquisa Social”. *Métodos e Técnicas* (3ª edição). São Paulo: Editora ATLAS.

Silva, Bénédict, (org) 1986, *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas

Índice

CAPÍTULO 1.....	1
1.1 Introdução.....	1
2.1. Revisão da literatura.....	3
2.2. Definição de conceitos	4
CAPÍTULO 3.....	6
3. Métodos e Técnicas.....	6
3.1. Critério de selecção dos participantes	7
3.2. Perfil dos participantes do estudo	7
Tabela 1: Perfil detalhado dos participantes do estudo.....	8
3.3. Procedimentos de sistematização e análise dos dados	9
3.4. Desafios do trabalho de campo	9
CAPÍTULO 4.....	10
4.1. Caracterização do Distrito da Manhiça	10
4.1.1. Características sócio-demográficas	10
4.1.2. Vida económica do distrito da Manhiça	11
5. Construção e gestão de relacionamentos conjugais	12
5.1. Formas de formalização de casamento no Distrito da Manhiça	12
5.2. Ku ganguissana: Processo de construção de relacionamentos conjugais na Manhiça.....	12
5.2.1. <i>Kutecana hi naho e Kutitlhuvu</i> : Formas como os cônjuges começaram a viver juntos.....	15
5.3 Gestão de Relacionamentos Conjugais	17
CAPÍTULO 6.....	26
6. Considerações finais.....	26
Referências	27

